

"O Gêbo" 14.6.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

ASSIM É GOELDI

OUTRO dia o Caloca me deu (tinha bebido, mas é homem para fazer isso bom) o "Álbum de Aves Amazônicas" organizado pelo Dr. Emilio A. Goeldi, diretor do Museu Paraense, impresso em Zurich em 1900.

Uma vez, num rompante, escrevi uma nota áspera sobre um amigo jornalista que me entrevistou e depois escreveu que eu era ornitólogo. Não sei se êle entendeu por que me senti ferido; foi porque tocou numa tristeza de minha vida: quanto tempo perdi lendo e fazendo coisas bobas no lugar de aprender alguma coisa sobre passarinhos! Depois de mulher não há bicho mais encantador na natureza, e é mais leve que mulher, e não dói dentro da gente, e agradece todo carinho.

Pois eu me estava distraíndo olhando meu álbum de mil aves coloridas quando recebo a noticia de que Osvaldo Goeldi ganhou o grande prêmio internacional da Bienal do México. Larguei o álbum do pai, procurei na estante o álbum do filho, que o Ministério da Educação editou há poucos anos com um texto penetrante de Aníbal Machado. Repassei os olhos por essas gravuras de angústia noturna e descobri que, tirante poucas, aflitas gaivotas, só há uma ave na arte de Osvaldo Goeldi: o urubu. Eles pousam nas ruas e nas casas desertas e ali ficam, sinistros e ridículos; parece que depois de comer os cadáveres dos homens se preparam para comer aquelas ruas mortas, aquelas casas podres.

Solidão, depressão, angústia, tudo isso Osvaldo Goeldi consegue transformar em beleza. O que faz dêle o maior gravador brasileiro não é apenas a fatura, a consciência artesanal que êle tem da madeira, do traço, do claro-escuro, a sua mão de mestre: é a alma que êle grava em tudo, a alma a custo contida para não arrebentar com tôdas as formas em uma explosão de soluços.

E êsse homem atormentado é um cândido e um humilde. Ainda não fui ver sua exposição na Bonino, ainda não vi o riso sem jeito com que êle deve ter recebido êsse grande prêmio internacional que honra o Brasil. Mas me lembro de uma vez que eu ia ao rio Doce, no Espírito Santo, e Goeldi me pediu que trouxesse para êle um pedaço de madeira de lá. Trouxe um bom pedaço de peroba, mandei para o artista. Meses depois nos encontramos, e êle agradeceu muito comovido o meu presente: "Que beleza, que beleza!" Perguntei, por mera curiosidade, se aquela madeira de minha terra era boa para gravar, o que êle fizera nela.

"Não gravei nada. Está lá em cima de minha mesa, uma beleza, gosto de olhar, de passar a mão nela. Estou com pena de estragar".

Assim é o humilde, assim é o grande Osvaldo Goeldi.

P. S. — Logo mais, das 20h 30m às 22h 30m, Sartre estará no Super Shopping Center, Rua Siqueira Campos, 143, autografando seu livro sobre Cuba.